

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **ALGUMAS ANALOGIAS DAS CERÂMICAS PRÉ-HISTÓRICAS BRITÂNICAS COM AS PORTUGUESAS.**

CHILDE, V. Gordon

Ano: 1950 | Número: 60

---

### **Como citar este documento:**

CHILDE, V. Gordon, Algumas analogias das Cerâmicas pré-históricas britânicas com as portuguesas. *Revista de Guimarães*, 60 (1-2) Jan.-Jun. 1950, p. 5-16.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Algumas analogias das cerâmicas pré-históricas britânicas com as portuguesas

Em recentes páginas desta revista, o Professor Piggott <sup>(1)</sup> e seguidamente Mrs. Hawkes <sup>(2)</sup> traçaram o quadro geral das civilizações das Ilhas Britânicas durante o período neolítico e começos da Idade do Bronze, bem como o das relações nesse período existentes com a Península Ibérica. De facto, a julgar pelo exame das cerâmicas, tanto os primeiros colonos agrícolas da Grã-Bretanha e da Irlanda, como os povos ibero-sarianos da Península pertenciam ao grande ciclo de civilizações a que Schuchhardt deu a designação de «ocidentais». Do mesmo modo que em Portugal, essas populações das Ilhas Britânicas sepultavam os seus mortos em túmulos megalíticos, pelo menos na zona do «Highland», isto é, nas regiões montanhosas e costeiras do oeste da Grã-Bretanha. Um estudo comparativo das cerâmicas neolíticas britânicas e portuguesas poderá projectar mais intensa luz sobre aquelas relações pré-históricas, como já em 1942 o previra Sir Lindsay Scott.

Os vasos neolíticos britânicos são feitos de uma pasta grosseira, contendo à mistura partículas brancas, bem visíveis, de sílex, pedra calcária, quartzo, etc., facto que igualmente se observa nos fragmentos cerâmicos procedentes de Vila Nova de S. Pedro e de outras jazidas portuguesas a que adiante faremos alusão. Na sua maioria, porém,

---

(1) *Revista de Guimarães*, LVII, 1947, p. 139-152.

(2) *Ibid.* LIX, 1949, p. 120-136.

esses vasos foram recobertos de um engobo de argila bem depurada, apresentando assim, com frequência, uma superfície polida. Infelizmente essa camada fina desagrega-se com facilidade, e só num reduzido número de fragmentos se conservou. Fenómeno idêntico tivemos ocasião de observar, há pouco tempo, na estação de Vila Nova de S. Pedro.

A cor da pasta é variável, desde o vermelho ao castanho escuro, e todos os vasos apresentam o fundo esférico, como os da Península. Quanto às formas, são muito singelas, e a ornamentação é rara e limitada a grupos locais. Em face desta simplicidade morfológica e escassez de ornatos, os arqueólogos ingleses dedicaram uma especial atenção aos bordos das vasilhas, e deram-se habitualmente ao cuidado de os reproduzir em todas as suas publicações. Graças a esse método foi possível distinguir vários agrupamentos cerâmicos, quer sob o ponto de vista da sua localização, quer da sua cronologia.

O grupo mais antigo e mais difundido é caracterizado pelos bordos singelos e por uma ausência quase completa de motivos decorativos. O Prof. Piggott deu a esta cerâmica a designação de *A1* <sup>(1)</sup>. Encontra-se mais frequentemente nas estações fortificadas (*causewayed camps*) da Inglaterra meridional, desde Sussex a Devonshire. Tipos semelhantes têm sido também encontrados nos túmulos megalíticos da zona do «Highland», e principalmente nos da Escócia. Naquela zona, segundo Scott <sup>(2)</sup>, os vasos desta classe pertencem ao mobiliário dos primeiros enterramentos, devendo portanto ser na Escócia também dos mais antigos. Tanto nos níveis superiores dos *causewayed camps*, em Sussex e no Wiltshire, como em Abingdon, perto de Oxford, e noutros lugares (à excepção de Dorset e Devonshire, onde existe outro grupo, chamado de Hembury), encontram-se vasos mais evolucionados, de bordos espessos e reforçados, quer por compressão na parte supe-

---

(1) *Archaeological Journal*, LXXXVIII, 1931, p. 84.

(2) *Antiquity*, XVI, 1942, p. 301-303. Cf. *Ampurias*, V, 1943, p. 293-294.

rior, quer por um encurvamento para fora, ou até pela aposição de um filete de argila; estes vasos são, por vezes, decorados com algumas linhas simples, gravadas de preferência com um instrumento de osso, de ponta obtusa. É a técnica entre nós designada «de caneluras» (*channelled ware*). Esta mesma técnica de ornamentação e os mesmos bordos reforçados vamos encontrar nos sepulcros megalíticos escoceses, em vasos que, segundo Scott, fizeram parte de enterramentos mais recentes do que aqueles a que acima nos referimos. Trata-se já da cerâmica dita de Beacharra (que tomou este nome de um túmulo megalítico da península de Kintyre). Nesta cerâmica, a decoração é mais evolucionada do que na inglesa do grupo A2, e inclui os motivos mágicos, de arcos, estudados por Mrs. Hawkes (1). Apresenta também uma nova espécie, a de um vaso carenado e de pescoço curto, perfil que aliás se encontrou igualmente, pelo menos uma vez, no sul de Inglaterra (2), mas aí em cerâmica associada, segundo Piggott, à do tipo A1. Seja como for, Scott julga poder distinguir na Escócia uma terceira fase, mais recente ainda, à qual atribui a bela cerâmica de Beacharra, ornamentada com arcos concêntricos, e de bordos muito salientes. Devemos confessar, contudo, que a diferenciação entre a segunda e a terceira *étape* é um tanto duvidosa. Em todo o caso, é com a cerâmica neolítica A2 de Inglaterra, e com a sua análoga escocesa, que supomos ter encontrado em Portugal os paralelos mais próximos.

Ora os nossos colegas portugueses, dispendo de um material abundante e de uma cerâmica muito bem ornamentada, não têm prestado a mesma atenção que nós dispensamos aos mínimos detalhes dos bordos dos vasos, nem tão pouco costumam representá-los nos seus trabalhos. Todavia, o Major Afonso do Paço e Maxime Vaultier (3) publicaram os perfis

(1) *Arch. J.*, XCV, 1939.

(2) *Proc. Prehistoric Soc.*, II, 1937, p. 9.

(3) «Estação eneolítica do Estoril», Porto, 1943 (T. VIII das publicações do Congresso Luso-Espanhol), p. 13.

de alguns bordos de vasos procedentes do Estoril, os quais apresentam muita semelhança com os perfis dos vasos britânicos. Eu mesmo recolhi directamente, no solo da estação de Vila Nova de S. Pedro, alguns fragmentos de vasilhas cujos bordos (*Fig. 1—n.ºs 1 a 3*) encontram paralelos exactos entre nós, em Abingdon, na Inglaterra, por exemplo (*Fig. 2*), ou nas vizinhanças de Rothesay, no sudoeste da Escócia. Esses fragmentos são fabricados com uma pasta impregnada de partículas brancas, como as características das olarias britânicas. Procedentes também de outras localidades portuguesas, tive ocasião de observar diversas vasilhas com os bordos ainda mais salientes que os de Vila Nova de S. Pedro, e portanto mais aproximados dos bordos evolucionados das cerâmicas inglesas. Represento aqui dois desses fragmentos de vasos portugueses provenientes do *tholos* do Monge, da Serra de Sintra (*Fig. 1—n.ºs 4 e 5*).

Tais perfis são, na verdade, muito singulares. Nada conhecemos parecido, entre os vasos neolíticos ocidentais, quer da Bretanha, quer da França meridional (1) ou do oriente da Espanha. À excepção de um ou outro exemplar esporádico e atípico, esta maneira de modelar o bordo das vasilhas parece, por um lado, constituir uma peculiaridade comum às Ilhas Britânicas, e, por outro, pertencer ao estuário do Tejo! (2)

A técnica decorativa de caneluras, e até os motivos da cerâmica de Beacharra foram, conforme o evidenciou Mrs. Hawkes, muito empregados pelos oleiros neolíticos, ao longo da costa atlântica até à Península Ibérica, e no Mediterrâneo, até à Creta minóica (3). Em Portugal, além das estações mencionadas por Piggott, verifiquei a técnica de caneluras em fragmentos procedentes de Monge, de Vila Nova de S. Pedro e de Cascais. A própria ornamentação

---

(1) Sir Lindsay Scott apenas menciona um desta procedência, da Grotte des Fées, Arles.

(2) Encontram-se, por exemplo, analogias na cerâmica heládica antiga da Grécia. Cf. Goldmann, *Eutresis*, figs. 133, 142; *B. S. A.*, XXXV, p. 17.

(3) Evans, *The Palace of Minos*, vol. I, fig. 72.

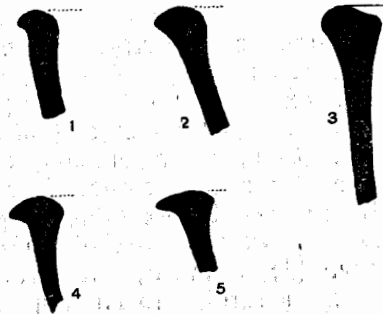


Fig. 1—N.º 1, 2, 3, Perfis de bordos de vasos procedentes de Vila Nova de S. Pedro; N.º 4, 5, Idem procedentes de Monge (Serra de Sintra).

(1/3)

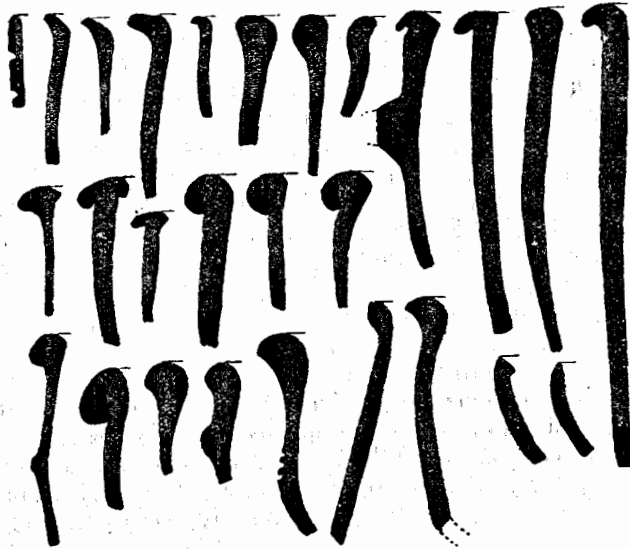


Fig. 2—Perfis de bordos de vasos procedentes de Abingdon (Inglaterra)

(1/3)

(De T. Leeds)

constituída por arcos concêntricos se encontrou na Furninha e no Carvalhal.

Finalmente, existem vasos portugueses que podem considerar-se os ascendentes — ou descendentes — dos pequenos vasos carenados, de pescoço curto, que é o contorno mais característico da nossa cerâmica de Beacharra. Os exemplares que mais se aproximam são um proveniente do *tholos* de Marcela, no Algarve (1), e outro, encontrado no dólmen da Comenda da Igreja, no Alentejo. Contudo, o perfil destes vasos é menos anguloso que o dos nossos, e a parte superior menos larga. Segundo Leisner, estes vasos portugueses pertenceriam à série dos «*flachbauchige Gefässe*», e marcariam a fase avançada de uma evolução cujos estádios anteriores se podem encontrar em Almeria.

Verificamos pois que três das características da cerâmica A2 da Inglaterra, e da de Beacharra na Escócia, se encontram também em Portugal, e uma delas em mais parte alguma além de Portugal. Admitindo, como os pré-historiadores ingleses, que os motivos mágicos da cerâmica dita de Beacharra e estas técnicas especiais são devidas, entre nós, a influências mediterrâneas, poderia concluir-se que nos foram transmitidas directamente de Portugal, e designadamente do estuário do Tejo. A esta mesma conclusão chegou Scott, apoiado num igual testemunho de carácter puramente negativo.

Por seu lado, o Prof. Piggott considera as *channelled wares* dos dois países como «evoluções paralelas de uma origem comum». Quer ele afirmar com isto, se não estamos em erro, que a cerâmica canelada foi introduzida na Grã-Bretanha desde a Provença, simultâneamente com os túmulos megalíticos chamados «galerias cobertas», visto o mesmo Professor aceitar a distinção nítida que há anos formulamos (2), e que o Dr. Daniel desenvolveu (3), entre «ga-

---

(1) Estácio da Veiga, I, est. XXIII, 3. Cf. Leisner, *Megalithgräber*, Taf. 76, 56.

(2) *Transactions Glasgow Archaeological Society*, 1930-33, p. 120-137.

(3) *Proc. Preh. Soc.*, VII, 1941, p. 1-49.

lerias cobertas» e «sepulcros de corredor». Segundo Piggott, os túmulos escoceses e irlandeses que deram *channelled ware* são galerias cobertas, e, entre nós, estas galerias devem ser anteriores aos típicos sepulcros de corredor. Ora, galerias cobertas propriamente ditas não existem em Portugal; todos os túmulos do vale do Tejo são sepulcros de corredor, iguais aos que, entre nós, apenas surgem depois do primeiro aparecimento da *channelled ware*.

Presentemente, estamos convencidos de que esta divisão, puramente tipológica, não pode adoptar-se de uma forma absolutamente rígida. Scott demonstrou que os túmulos escoceses, onde ele próprio recolheu os mais belos e numerosos exemplares de *channelled ware*, devem ser considerados sepulcros de corredor, pelo menos quanto à sua função. E foi precisamente em sepulcros de corredor que, em Portugal, se encontraram vasos de bordos evolucionados (*tholos* do Monge), fragmentos de cerâmica de caneluras e os próprios vasos carenados, de pescoço curto. É provável, portanto, que as influências que entre nós inspiraram a transformação da cerâmica neolítica nos tenham vindo, na verdade, do vale do Tejo.

Propositadamente empregamos o termo «provável» porque, em oposição a esta tese, existem ainda grandes dúvidas, sobretudo de ordem cronológica. Seria necessário, por exemplo, admitir uma ocupação prolongada de Vila Nova de S. Pedro, e considerar o período eneolítico português com uma extensa duração, visto que, em consequência de uma tal afirmativa, teríamos de sincronizar o período neolítico da Grã-Bretanha com uma parte do período de ocupação daquela estação pré-histórica portuguesa, e com o uso dos sepulcros de *tholos* (Monge) e das grutas artificiais. Mas, por outro lado, o nosso período imediato, ou seja o período dos «Beakers», deve, por sua vez, ser contemporâneo da cultura portuguesa das grutas, como Piggott o demonstrou, em presença das pontas de seta do «tipo Palmela», e dos achados de brincos de oiro, objectos que entre nós pertencem àquele mesmo período. Posteriormente, Sir Lindsay Scott pôs ainda em relevo as



flagrantes analogias entre os nossos vasos de Pygmy e a cerâmica ornamentada de Los Millares. Ora os vasos de Pygmy pertencem à Cultura inglesa chamada de Wessex, mais recente que a dos «Beakers» e contemporânea da época de El Argar, em Espanha. Destes factos, poder-se-á concluir, de harmonia com Piggott, que a época de Alcalar se prolongou até 1400 a. C.

Numa data ainda mais recente nos faz pensar o achado de uma conta esferoidal de vidro, procedente do Monumento III de Alcalar (1), se é que ela pertencencia de facto ao mobiliário primitivo da sepultura. Mas, a bem dizer, é pouco provável que essa conta, existente no Museu de Belém, tenha realmente aparecido naquela sepultura.

\*

Não insistindo mais nestes problemas assaz obscuros de cronologia, queremos agora mencionar um outro paralelismo, por certo mais flagrante ainda, entre as cerâmicas inglesas e as portuguesas, embora de uma época muito mais recente, sem dúvida alguma. Há um quarto de século o Sr. Thurlow Leeds (2) chamou a atenção para os fragmentos cerâmicos que acabara de encontrar em Chun Castle e em mais algumas estações da 2.<sup>a</sup> Idade do Ferro, na Cornualha, cuja decoração coincidia perfeitamente com a dos vasos encontrados tanto na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso, como em vários castros galegos. Essa ornamentação é constituída por uma faixa de SSSS em série, impressos no barro fresco (*Fig. 3 e 4*). Tal ornato representa simplesmente uma estilização de palmípedes (patos), mais acentuada ainda do que a empregada na decoração dos vasos de bronze martelado hallstáticos e etruscos, onde aliás esses palmípedes aparecem já muito esquematizados. Actualmente esta cerâmica é conhecida, não só procedente de várias jazidas da

---

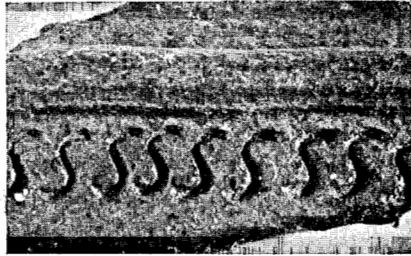
(1) No Museu Etnológico de Belém (Lisboa), N.º 10.061. Não figura na obra de E. da Veiga.

(2) *Archaeologia*, LXXVI, p. 205-239.



**Fig. 3—***Fragments cerâmicos com motivos ornamentais impressos, procedentes de Sutton Walls (Herefordshire)*

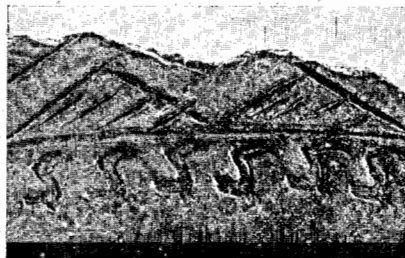
**(Tam. nat.)**



1



2



3

**Fig. 4—***Fragmentos cerâmicos ornamentados (estilização de palmípedes) procedentes de: 1, Citânia de Briteiros; 2 e 3, Castro de Sabroso.*

(Tam. nat.)

Cornualha, mas ainda de oito recintos fortificados que rodeiam a foz de Severn, e de um outro situado na costa ocidental do País de Gales. O mapa da sua distribuição (1) mostra-nos que esse estilo nos deve ter chegado por via marítima. Além disso, os locais dos achados estão concentrados em volta dos depósitos de minério, ou seja do estanho da Cornualha e do ferro da Floresta de Dean. Inclusivamente, nalgumas dessas estações caracterizadas por este tipo cerâmico, encontraram-se vestígios da indústria metalúrgica.

Donde se conclui que uma tal cerâmica nos foi trazida por invasores marítimos, desembarcados na Cornualha, que depois penetraram, subindo o curso do Severn, na região do ferro, com o fim de se apoderarem da exploração desses jazigos metalíferos. Segundo os estudos mais recentes, podemos datar a sua chegada à foz do Severn por volta do século I a. C.

Ora estes invasores vieram certamente do Sudoeste. Por outro lado, as muralhas dos nossos recintos fortificados, pelo menos dos da Cornualha, construídas de junta seca, são, no seu aspecto geral, idênticas às de Sabroso, de Sanfins e de outros castros do Norte de Portugal. Em Gloucestershire (2), foi mesmo encontrada uma estatueta ibérica, isolada, que era sem dúvida um objecto de importação, e na Cornualha apareceram fibulas semelhantes às post-hallstáticas portuguesas. Isto não quer dizer que devamos concluir que aqueles invasores tenham desembarcado na Inglaterra vindos directamente de Portugal ou da Galiza. Como ponto de partida é mais admissível a Bretanha, onde se têm dado achados bem conhecidos de cerâmica ornamentada com patos estilizados. Naquela época, as nossas relações com a Península seriam, por consequência, indirectas. Os próprios vasos de bronze chegariam talvez independentemente aos dois países, por via do comércio marítimo, dando em seguida origem às

---

(1) *Arch. J.*, XCV, 1939, p. 90-94.

(2) *J. R. Soc. Antiquaries of Ireland*, XLVIII, p. 51-54.

imitações locais em argila. Provavelmente, as tribos que adoptaram este motivo ornamental na cerâmica teriam vindo de algum centro, que hoje ignoramos qual fosse, em busca do estanho e do cobre da Península, e do estanho e ferro da Inglaterra. Como quer que tivesse sido, existem sobre este ponto várias hipóteses plausíveis. Para que nos possámos pronunciar por qualquer delas, seria muito útil conhecer melhor as formas dos vasos portugueses que apresentam esta decoração de palmípedes. Graças às recentes escavações de Miss Kenyon, em Sutton Walls, foi possível reconstituir por completo vários vasos dessa jazida, um dos quais de um metro de altura. Em Sutton Walls, os fragmentos ornamentados com palmípedes estampados são talvez até em maior quantidade do que os aparecidos, por exemplo, na Citânia de Briteiros, em Sabroso ou em Sanfins.

Prof. Dr. V. GORDON CHILDE

Catedrático e Director do Instituto de Arqueologia  
da Universidade de Londres.